

PLACEBO



Placebo

JOSÉ MARÍA BRINDISI

*Tradução de
Bruno Ribeiro*



*Para Frankie, que tudo se converta em ouro.
E para Andrés Vila, por sempre saber guardar algo.*



*“Se quer ser feliz durante uma hora, embebede-se;
se quer ser feliz durante um dia, mate um porco;
se quer ser feliz durante uma semana, se case;
se quer ser feliz durante a vida toda, saia para pescar.”*

Cachorros que cantam, Colum Mc Cann.



Duas mulheres. Duas mulheres debaixo do sol, sobre o capô de um carro desportivo, à margem da estrada. Duas mulheres sobre um Lamborghini amarelo, à margem de algum desvio, na saída de Benavídez. Duas mulheres nuas ou vestidas, quase inverossímil: as duas são lindas e abstraídas, elevadas ao paraíso ou parecem, melhor dizendo, estarem-no inventando. Estão inventando um mundo; ao menos o mundo que nos interessa, que nos desperta, aquele que nos golpeia, arrasta e humilha. Duas mulheres, de verdade, de shorts e tops, atravessadas ou clareadas pelo sol, uma de cabelo castanho e a outra loira, como um espelhismo obsceno. Duas mulheres no centro de suas vidas, do seu universo, no princípio do mundo, antes da angústia. Uma ou outra tem pernas firmes, a barriga lisa ou musculosa, os braços fibrosos, os ombros largos, o olhar profundo ou perverso. Uma ou outra dá uma volta, coloca os óculos, ajeita o cabelo ruivo ou castanho. Uma ou outra observa os carros passando como vagalumes, e observa apenas em uma fração de segundos, como um Deus que se limita a descer pra terra, mas que se detém sem querer em um cachorro pendurado em uma janela, um cachorro com a língua pra fora. Uma das duas coloca os braços na nuca, mostrando o bíceps e os tríceps marcados que a salvarão das misérias da maturidade; é essa quem deixa os óculos no rosto, mas podemos adivinhar que por trás deles seus olhos estão ab-

solutamente abertos, e talvez seja ela que esteja com fones de ouvido, movendo os pés de forma preguiçosa, marcando o ritmo que pelo modo com que se move poderia ser um hip-hop ou alguma classe de soul bem tranquilo. Uma ou outra sua, e se poderia imaginar, claro, o modo como o suor começa a regar cada parte do seu corpo, cada vinco, cada esconderijo. Uma ou outra responde com um cumprimento displicente, poderoso, aos assovios e gritos de quatro selvagens em um Toyota semidestruído que por acaso está em uma de suas últimas manhãs de sol. Uma ou outra, ou talvez as duas; talvez as duas estejam pensando em nada, e essa despreocupação, esse gozo, essa vulnerabilidade diante do devir das coisas as transformam em ídolos, em figuras irrealis e, contudo, onipresentes; em uma doença perfeita. Assim que quando passa ao seu lado, por mais que seja por apenas alguns segundos, Lucio Becerra as observa como se fossem um reflexo, ou uma ilusão, e por um momento não pode pensar em outra coisa que não seja a morte. Talvez a culpa seja de Horacio, disse a si mesmo; Horacio está morrendo e, apesar da dor, apesar de todos os dias serem como um punhal fncado nas costas ou como se alguém sussurrasse em seu ouvido uma melodia ínfima cuja letra não entende e por isso mesmo a teme, ainda que Horacio vá partir, mesmo que tente se amarrar a este lado com unhas e dentes e uma âncora atravessada no meio do seu cérebro, não é essa a ideia que o perturba, é outra, nem é uma ideia de verdade, mas precisamente uma imagem: um cavalo branco, morto, apodrecendo na lateral da estrada. Esse cartão postal não o deixou dormir durante dias, desde a última vez que visitou Horacio, quase uma semana atrás, para se despedir antes das suas férias em Tigre. Nessa tarde, eles conversaram sobre o passado. Becerra tentava desviar a conversa para outros rumos, mais inofensivos ou casuais, porque falar do passado era assumir que o presente não guardava nenhum significado e que o futuro

não existiria mais. Mas era inútil: Horacio tinha vontade de revistar sua vida, já não podia fazer outra coisa. Becerra estava sentado em um sofá, incomodado, perto da cama, com os pés apoiados nela e fingindo uma naturalidade que ambos sabiam ser absurda; em determinado momento já não impôs resistência e apenas se dedicou a escutá-lo. E em algum caixão da memória de Becerra, logo depois da sua primeira esposa, da viagem errática dos dois amigos ao México, dos filhos que não teve, do livro que jamais escreveu, de que apesar de tudo isso e apesar de todos, em alguma recordação um impulso disparou com violência essa imagem indelével: um cavalo branco, morto, na lateral da estrada. E entrou em detalhes: fazia frio e a princípio parecia estranho que um cavalo dormisse desse modo (ambos acreditavam que ele dormia encolhido); era próximo do lago Falkner e haviam decidido fazer o trajeto desde Hermoso a pé; eles caminhavam juntos e a ideia era ficar no Falkner alguns dias, dado que – como depois comprovariam – ali não parava ninguém, entre outras coisas porque não havia muito espaço para acampar; se detiveram e observaram o cavalo por um instante, e não levou muito tempo para descobrirem que ele não dormia; foi Becerra que o ergueu, ele que analisou minuciosamente, ele que acariciou o lombo do animal durante um tempo sem pronunciar uma única frase, ele que depois, apesar dos silêncios, se aproximou da cabeça do cavalo e viu os vermes colados nos seus dentes, ele que se colocou de pé, com os olhos mareados de lágrimas, mas com uma expressão severa que o inibiu e o privou de dizer algo, de consolar ou fazer piadas, ou seja lá o que fosse. De todos os modos o fez: disse que o macarrão e o arroz já o enjoaram, e que estava disposto a provar qualquer coisa diferente. Becerra desviou o olhar. Horacio bateu em seu ombro e em seguida ambos se dedicaram a atuar em seus papéis quando chegou a seguinte dupla: duas garotas que conheceram no cami-

nhão que os transportou desde Zapala, quando começavam a juntar o grupo de dez ou doze pessoas que fizeram essa viagem juntas, produto da amizade espontânea, do furor juvenil e da excitação. Chegaram essas duas meninas, pontuou Horacio, nos antecipamos para que não se chocassem com o cavalo, inclusive você, Lucio, que abraçou uma delas. Becerra se esforçou, voltou a essa época por alguns minutos, mas não conseguia recordá-la, e por alguma razão tampouco pôde mentir. Se lembra, insistiu Horacio, a menina que depois você comeu no bosque do Espejo Chico, e que do nada apareceu uma vaca e te deu um susto do caralho. Me lembro. Me lembro da garota e da vaca: mas não consigo lembrar do cavalo. Horacio não respondeu; foi como se a dor se transformasse em mais dor e de improviso o espetasse, e ele ficou observando a janela, muito mais à frente da janela, talvez regressando em cheio na lembrança que a princípio tinha sido um pesadelo – aí que ele mencionou Becerra –, mas que logo se transformou em uma forma de escape. O pesadelo não importa, disse. O cavalo não importa. Não é isso. Me fez pensar nessa viagem, nessa idade, em tudo o que passou e que jamais voltaria a suceder. Nunca mais seremos como éramos, não é? Assim era a frase? Nada: fiquei pensando nessa época. Horacio falava, mas seu rosto não deixava escapar nenhuma expressão; era quase um médium. É óbvio que não ocorreu só conosco, mas o certo é que tínhamos dezoito anos – você já tinha cumprido, né? – e que nunca mais voltamos a pensar nem a falar nem a acreditar nas coisas dessa maneira. Becerra teve o impulso de dizer que nunca foi tão sórdido; as palavras não terminaram de sair de sua boca, e foi melhor assim. Teria sido uma estupidez, uma fatalidade dessas que nunca se perdoaria pelo resto da sua vida, que o seguiria muito depois de que Horacio já não estivesse mais entre nós. Porque não podia manter a boca fechada, se reprovou, ainda que dessa vez tivesse parado a tempo. Horacio

seguia com o olhar perdido quando entrou a enfermeira; ela pediu desculpa a ambos e logo disse que devia levar o paciente para realizar alguns exames. Becerra abraçou o amigo como fazia sempre, um abraço energético, mas sem compromisso, um abraço de compadres; inclusive deu uma palmada, uma bofetada suave no rosto, como sempre fizera. Um abraço como outro qualquer. Logo desceu as escadas pensando que este pôde ter sido o último. Bloqueou este pensamento até então, mas agora que o deixou em sua cama, em realidade em sua cama de hospital que seguramente pertenceu a uma infinidade de mortos, agora caiu sua ficha que talvez não voltasse a vê-lo novamente. Assim, do nada. Assim são as coisas, disse. Porque ainda faltava uma semana para ele se isolar em Tigre, na casa que sua mulher tinha herdado e que, ao final de tudo, serviria para colocar à prova sua resistência como nenhuma outra circunstância em toda sua vida, ele tinha todo esse tempo e apesar disso tinha também a certeza de que as coisas se complicariam irremediavelmente: era preciso deixar todos os assuntos do escritório em ordem, ainda que fosse verão, de todos os modos sempre tinha muito para fazer; devia visitar a sua mãe, agora que o Alzheimer se aprofundava ele se sentia muito culpado, se bem que jamais a havia abandonado; estava com os discos que Daniel havia perdido, esses que eram impossíveis de conseguir em Quebec e que não havia comprado no Ano Novo; e tinha Estela. Sabia então que atesourava todas essas desculpas, que estavam ao alcance da sua mão, que ninguém teria porque arrancá-las da sua consciência; e, contudo, ele não as alcançava. Foi visitar seu amigo, simplesmente seu irmão de toda uma vida, antes de tirar férias. E não: foi visitar seu amigo, mas na realidade era que talvez ele nunca mais voltaria a vê-lo. Ninguém poderia assegurar que ele resistiria mais um mês. Saiu do hospital e nem sequer o calor infernal de janeiro conseguiu acordá-lo, nem sequer as adoles-

centes que estavam com peitos maiores e que haviam adotado essa moda doente de calças baixas e os shorts ou culotes socados selvagemmente conseguiram também. Não: ficou com Horacio, encostado nele, como um refém do tempo. Arranhando a sombra de um cavalo branco. Mais tarde iria piorar: estava sentado em um bar no centro, no balcão desse barzinho na rua Reconquista, depois de almoçar algo leve, uma salada com frango e cogumelos, e imediatamente o arrebatou não mais uma tristeza, mas uma sensação que até agora desconhecia. Não queria chamar de nostalgia, tampouco Horacio a nomearia dessa maneira, mas era isso. A viagem, os lagos, as garotas, o mugido da vaca. Haviam passado quase trinta e cinco anos. Se sentia um imbecil; os olhos se encheram de lágrimas e como o correspondia, tratou de dissimular: um lixinho, sim. O resto do dia transcorreu com este mesmo ânimo. No escritório trabalhou taciturno, do jeito que dava, e quando voltou à sua casa se isolou no quarto. Devia terminar uma apresentação, disse a Cecília, mas estava inquieto. Sentou-se diante da sua escrivaninha, ligou o computador e se dispôs a corrigir um dos seus contos que guardava debaixo de sete chaves e que nem sequer sua mulher sabia que existiam. Não o envergonhava o feito em si de escrevê-los – depois de tudo, era um vício que em sua juventude havia praticado com frequência, e que seus mais próximos conheciam – mas sim seu conteúdo: sentia que havia se tornado, com os anos, mais estúpido. Adorava Poe, Stevenson, Maupassant, e de algum modo sempre se havia equiparado a eles, mesmo quando não houvesse, e ele sabia perfeitamente, nenhuma relação de equivalência. Mas se considerava um parente distante, distante ainda que não ilegítimo, de todos eles. Parecia haver herdado, em alguma medida, a opacidade do primeiro, a efervescência narrativa do escocês, a concisão do último. Em especial admirava o discípulo de Flaubert; dele havia aprendido a buscar as palavras

justas, as mais naturais, as únicas possíveis para cada frase e cada ideia. E também o mórbido dos seus argumentos, os golpes de efeito, o modo como os personagens deixavam se arrastar sem remédio pela fatalidade do seu destino. Não se considerava à altura, nem muito menos, contudo essas derrotas esmagadoras não conseguiam o humilhar por completo. Em qualquer caso, ultimamente sentia que havia se tornado mais pueril, mas também mais amável, sem dúvidas, solidarizava-se demais com seus possíveis leitores. Parecia como se quisesse evitá-los – a eles e a seus personagens – qualquer sofrimento. De onde surgia esse pudor absurdo, sendo que ninguém o lia? Não podia entender. Ou melhor: não podia suportá-lo. Sempre havia algo que terminava desviando seu caminho. Deviam ser os remorsos: sua mãe, Estela, a agonia silenciosa de Horacio. Jantou sozinho, um sanduíche de atum e uma gelatina, em frente ao computador. Contudo, apenas conseguiu corrigir algumas frases. Brincava como um zumbi com as teclas do teclado; acima, abaixo. Dormiu à meia-noite. Em plena madrugada acordou, desceu e se sentou em um dos sofás do *living*. Demorou para despertar. Tomou um copo de leite na cozinha e regressou ao sofá; bebia com as duas mãos, como uma criança. E quando terminou de beber, quando seu espírito já parecia apagar na normalidade perversa da madrugada, lembrou-se da imagem, a sensação, quase um alívio: ali estava o cavalo, apodrecendo, sórdido, ali a integridade da sua brancura que na morte já não servia de nada. Poderia ter sido uma imagem bela, disse para si, à distância ou narrada por outro, mas não era. Não só isso: era a imagem mais triste que havia contemplado em sua vida. Talvez não naquela época, mas agora a lembrança ardia e o queimava com toda sua fúria. Pensou em subir as escadas e abraçar Cecilia, e um instante depois se envergonhou com sua própria fragilidade e também sua hipocrisia. Nem sequer podia chorar, mas em compensação era capaz de

ligar a TV. Acreditou que isso o despertaria, que era suficiente, algumas jovens se beijando em uma favela e com um Cuba Libre, e contudo essa imagem resplandeceu o resto da noite, mantendo-o acordado, e parte das noites seguintes, quando dormia já com medo de que o pesadelo retornasse. E se repetia. Não era uma imagem violenta, mas desoladora. Assim se sentiu na primeira noite: desolado. E essa desolação o perseguiu de um modo implacável, tanto que conseguiu perturbar seu sono, humor, ânimo, todos esses dias, e apenas alcançou um pouco de paz durante alguns segundos, algumas noites. Quando começa a ligar o carro, pela manhã, Becerra duvida: suspeita que essa sucessão de noites dementes é um desígnio, uma manifestação dos seus erros, e então pensa por um instante em ficar, suspender as férias, visitar Horacio todos os dias e suportar juntos o que fosse acontecer, até o peso esmagador do passado. Se algo o detém não é falta de valor, mas uma cota de egoísmo. Necessita dessas férias, diz a si mesmo. Já é adulto, ainda que com cinquenta e dois anos alguns insistem em encher o saco – sua esposa não é assim – dizendo que ele ainda é um jovem, que agora é que começa a melhor etapa da vida, etc., etc. Não é; aí está Horacio para provar, e a dor na cintura já é cada vez menos intermitente, e sua fascinação pela pornografia mais pronunciada, e agora também isso que nem ele nem seu amigo nem ninguém com um pouco de dignidade gosta de chamar de nostalgia. Já é um cara grande; não um velho; alguém diria *maduro*. Pois bem: é um cara maduro. Alguém que está prestes a apodrecer por dentro. Com essa angústia, com esse tipo de pensamentos exagerados, fatalistas, algo demagógico para consigo mesmo – mas não absurdos –, assim sobe as coisas no carro. Assim pensa em um par de despachos que quase por milagre saíram a tempo, assim pensa no inferno da declaração de impostos que terá que lidar no seu regresso, assim pensa em Estela, que a qualquer momento – como

sempre ocorre nesses casos – vai começar a pressioná-lo, exigindo cada vez mais e mais, assim com Horacio e com sua ex-mulher com quem quis transar durante muito tempo, com a filha de Horacio, com seu sobrinho, que ama muito, mas que verá cada vez menos e menos. Assim pensa na lealdade e na traição. Assim, com essa angústia, olha seu Audi novo, sem orgulho, pela primeira vez em quase dois meses. Nem o olha, na realidade; o carrega, o dirige, sussurra algo monossilábico com Cecilia. Hoje é Santa Cecilia, não?, pergunta. Não creio, responde ela. E Becerra: o patrono da música. E ela nada; apenas coloca o cinto de segurança, que havia esquecido, e prepara as coisas para o mate, poderia levar um tiro que Becerra nunca saberia. Becerra pensa em cavalos brancos, em caminhos que jamais terminam, em lagos escabrosos transbordando de magia, em corpos sólidos que não desvanecem. Por isso quando vê essas duas mulheres, essas duas mulheres tomando sol despreocupadas, a essas duas fedelhas indiferentes aos seus próprios estigmas de putas, pensa que é uma alucinação. E segue – ainda que tudo isso dure um só segundo – até se fundir em um abismo, um lugar obscuro e pegajoso da sua própria consciência, de onde é impossível sair e que jamais ocorre nada de nada. Neste lugar as coisas boas passam despercebidas ou se tornam irreconhecíveis, ou se transformam, esfolando seu sentido. Um ombro é uma pedra vulcânica, um sorriso é uma cova, uma perna é um canhão, uma teta é uma planta carnívora, um cu é como qualquer um desses dois ou é um pântano, um sonho de areia movediça. Becerra, no volante do seu Audi, passa perto delas em velocidade reduzida, estampa elas em sua memória, faz muito calor para estar tomando sol assim, sobre o ferro, pensa, são tão perfeitas que parece uma piada, uma ocorrência macabra de alguém que deseja recordar que há outra vida. Não sabe se o que está sentindo é vontade de se masturbar ou de pular no vazio; talvez gostaria de fazer uma

coisa e em seguida a outra. Não é certo; é só uma piada, diz a si mesmo com algo de superstição. De toda forma, essas duas mulheres o arrastam ao inferno, por contraste ou por qualquer outra razão. É a imagem mais linda que viu em sua vida, pensa, a mais intensa e a mais depravada e a mais inverossímil, e logo compreende que todo o anterior, cinquenta e dois anos e um par de meses, e com segurança também o que virá, tudo isso não passa de poeira. Essas duas esfinges monumentais o fazem pensar na morte e isso se torna seu único alimento. Não na morte do seu amigo – ainda que talvez tenha parte da culpa –, não naqueles que amargam a vida diariamente e que de vez em quando preferiria vê-los crucificados, mas à sua própria. Não é um mártir, nem nada do estilo: apenas é um cara que viveu suficientemente mal, nessa média que os prazeres se assimilam ou se suspeitam, mas jamais os chama aos gritos ou os desafia. Becerra dirige seu Audi, passa a curva: merece essas férias: essas garotas não são desse mundo; de onde sai a tristeza? Talvez fique pouco tempo. Talvez em mim também fique pouco, pensa. E depois de um tempo, quando estaciona o carro na garagem e pega uma lancha, depois de prosseguir pelos rios e riachos do delta durante quase duas horas – ou assim sentiu – e chegar na casa que passará suas férias, por fim, na cabana Espera, onde parece que tudo termina, neste instante, ocorre um milagre: um milagre previsível, poderíamos dizer, porque as fotos falavam por si, mas outra coisa é vê-las ao vivo. É um palácio, disse Cecilia, com a típica grandiloquência feminina, mas o certo é que, apesar da expressão de cansaço e os olhos esbranquiçados apontando ao céu, acaba de arrancar essas palavras da boca. Talvez não soube avaliá-las, talvez estava com a cabeça em outro lugar, qualquer coisa: é muito mais do que pensava. Então, enquanto percorriam a casa sem que se escute outro som que não o dos seus movimentos – e o eco do motor da lancha –, começa a ver suas férias com outros

olhos. Na realidade foi ele que insistiu em ir a Tigre, em aproveitar a herança imprevista – Cecilia sempre acreditou que sua tia havia se esquecido dela – ao menos durante um tempo, entre outras coisas porque isso o permitia ficar perto da sua mãe (ainda que ao ver a travessia fluvial percebesse que não há muita diferença entre Gesell ou Valeria, seus refúgios de sempre). Também havia outra razão prática: poderia se afastar de Cecilia quando quisesse, e como consequência ver Estela com frequência, inclusive dormir com ela. Anda pela casa mais um pouco, sempre atrás de Cecilia, noutro ritmo; ela abre portas, elogia as dimensões da cozinha, a luz e a distribuição dos ambientes, o modo que estão dispostos os móveis. Já Becerra observa tudo, sim, mas em silêncio, sem a necessidade de nomear as coisas, sem o impulso de sublinhá-las. Coloca as mãos atrás da nuca e percorre agora a varanda, que circunda a totalidade da casa. Faz um rápido inventário: como a cinquenta metros há uma prainha, com certeza construída para baixar o rio com maior comodidade; um pouco mais pra lá, há o que à distância parece ser uma horta; atrás, uma quadra de futebol (isso o chama atenção: a tia Leonor vivia sozinha e usava pouco a casa de Tigre; não tinha filhos assim que, deduz Becerra, dificilmente alguém utilizou essa quadra, ainda que pensando bem, só tratava de dois arcos e uma grama impecável, isso sim); no outro lado, à esquerda da casa, logo a uns cem metros do bosque, outro trecho similar e uma construção austera, provavelmente ali vivem os Heredia (já o avisaram, a família que se ocupa de cuidar da casa, limpá-la, manter tudo em ordem quando está vazia); rodeando a casa, um jardim que parece arrancado da imaginação de Dickens; à frente do rio uma angra, e do outro lado uma vegetação espessa, confusa, agonizante; e atrás, ao fundo, mais distante da casa e do silêncio e do vazio do campo de futebol, alguns hectares de bosque. Não se trata de uma presunção; são ao redor de trinta hectares

– não recorda exatamente –, suficientes para olhar de qualquer parte e dizer para si: “tudo isso é meu”. Ainda que não seja. Não é. Becerra desce agora para a parte de trás da casa, a caminho do bosque; são os cem ou duzentos – nunca soube calcular as distâncias – para se fechar em si mesmo, frear em várias ocasiões e voltar o olhar em direção da casa: pensar, pensar. Atravessa a primeira linha de árvores, depois outra. Então solta um desses rasgos de loucura que de vez em quando germinam a impotência, na melancolia ou na circunspeção. Na realidade apenas deixa fluir algumas frases em voz alta: “puta que pariu”, diz, “as agarraria em uma árvore dessas, as amarraria e as foderia a tarde todinha”. Ela ou elas, tanto faz, e ele sabe: está falando das duas meninas da estrada, mas elas são um símbolo, um modo de assumir a consciência. De abandonar esse mundo, em algum momento, através da porta grande. Fazendo ruído. “Não é, Horacinho?” Nunca o havia chamado desse jeito, mas agora está sozinho. Sua vista navega de um ponto a outro do bosque, uma série de pontos fixos, enquanto escuta Cecilia, o chamando: “Tenho que te amarrar em algum canto pra você parar de andar por aqui.” “Tô no rio.” E a vê de longe, varrendo a varanda, disposta a não perder tempo. E aí toma consciência, ou termina de fazê-lo: o lugar é uma loucura, uma verdadeira beleza, mas não há uma só coisa que o ocorre, nesse momento, que possa chegar a fazê-lo desfrutar esse momento com ela. Como aconteceu isso? Nada os une realmente. Nem sequer um vício. Nem sequer um filho, disse. Nem sequer o sobrinho que ele adora e ela também, certamente, pois demonstra carinho, uma devoção tão impessoal como pegajosa. “Tenho que deixar de pensar em Horacio”, disse, “ou tudo vai desmoronar.” E essa palavra, haver utilizado essa palavra em voz alta (*desmoronar*), haver escolhido ela conscientemente, essa falta de naturalidade, demonstra que recuou o controle. Há algo insociável: já não a quer mais. E, contu-

do, se as coisas fossem mais claras, e pudesse defini-las desse modo, tudo seria mais simples. Pela noite, inclusive, jantam, Becerra nutre por ela um impensado carinho: abriram uma garrafa de vinho, ele encheu as taças e propôs imediatamente um brinde. Não havia palavras, tampouco brindam por nada concreto. Contudo, o implícito gesto podia encher horas e mais horas de conversa; não entre eles, não sobre eles. Becerra bebe um pouco, o saboreia; ela executa toda a sequência com mais velocidade. Já está dando a primeira mordida no macarrão quando seu marido coloca a mão sobre o ombro, apenas um instante que pode significar “aqui estamos, linda”, se alguma vez a tivesse chamado desse modo, ou “como eu te amo!”, mas esse tipo de exageros já ficaram para trás, ou “que lindo seria se Horacio também estivesse aqui”, mas isso seria uma mentira, não porque não pense nele, pois o faz a cada segundo, nem porque a ideia de compartilhar um momento assim com seu amigo de toda a vida o seduz. Ao contrário: só de pensar nisso começaria a chorar. Ocorre que em realidade não o fez por nada em particular, nada que seja identificável. E, contudo: algo o inquieta. Algo novo. Por isso, talvez, o brinde; por isso, buscou um refúgio. Aí está: esse cara, Sutton, umas horas atrás. Havia olhado através do córrego várias vezes, ainda que provavelmente a vegetação, a densidade verde do Tigre, que cobre tudo, tivesse enganado seus olhos. Porque quando Becerra descobriu este homem chamado Sutton tomando mate na doca ínfima e desorganizada, aproveitando a tarde que se havia transformado milagrosamente em fresquinha, com as nuvens o protegendo, pareceu que ele havia estado ali o tempo inteiro. Ou seja: que sua percepção, sua memória imediata, havia tardado em reconhecê-lo, apesar de haver estado ali plantado, como um farol, como uma expressão do passado, do presente e do futuro ao mesmo tempo. Como algo irremediável. O homem estava sentado, com as pernas penduradas,